



O BRINQUEDO

CLECIUS ALEXANDRE DURAN

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1.996. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção. Não se referem a pessoas e fatos concretos, nem emitem opiniões sobre eles. Apenas os personagens históricos e as localidades verdadeiras foram utilizados para os fins narrativos da história.

1ª edição

Londrina

2016

O BRINQUEDO

Clecius Alexandre Duran

Índice

Palavras do autor.....	4
Dedicatória.....	5
O brinquedo.....	6
Agradecimentos	14
Sobre o autor.....	15

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

Palavras do autor

DEPOIS DA EXAUSTÃO FÍSICA E EMOCIONAL DE FINALIZAR dois de meus romances, as Crônicas da Lua Cheia (A Maldição do Lobisomem e A Ascensão do Alfa), com direito a uma interrupção forçada por conta de uma tendinite recalcitrante, quis passar para o papel uma história inspirada num acontecimento da minha infância. Não sei se conseguirei observar meu ano sabático antes de reiniciar o terceiro livro das Crônicas, mas esta pausa oportuna me possibilitou finalizar este conto que agora você tem em suas mãos.

Sem mais delongas, desejo a você uma boa leitura.

Londrina, 17 de agosto de 2016.

O BRINQUEDO

Clecius Alexandre Duran

Dedicatória

Para minha mãe, Linda. Que me iniciou no mundo dos livros e sempre me apoiou, mesmo nas minhas loucuras.

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

O brinquedo

EMBORA MEUS OSSOS PEQUENOS E FRÁGEIS TIVESSEM conhecido o rigor de apenas cinco invernos, minha mente infantil já era repleta de uma miríade de lembranças felizes cuja ternura me acalentava o espírito. Você, leitor incauto, pode pensar que exagero ao mensurar a quantidade abundante daquelas doces recordações, mas está enganado. São mesmo muitas e muitas imagens que surgem em minha mente. Algumas passam rapidamente, outras fazem questão de estacionar no primeiro plano do meu relevo psíquico, e há aquelas, ainda, que se mesclam, alteram-se e ressurgem com uma nova roupagem de significados. Simbolismos e metáforas em demasia para minha pouca (ou nenhuma) maturidade. Não que meu cérebro possuísse uma qualidade excepcional de retenção, nem que fosse de qualidade muito superior ao das demais crianças, mas, para mim, dentro do meu pequeno mundo – o único mundo que me interessava e ao qual dava importância, como qualquer tirano de tenros anos –, aquelas recordações representavam meu tesouro inestimável.

Lembro-me da mamadeira – ah, não me julgue tão severa e apressadamente, caro leitor, pois a promessa era que abandonaria este último remanescente da primeira infância ao completar sete anos – com o gostoso leite morno, adoçado com açúcar e engrossado com um pouco de amido de milho, com o bico de plástico grosso e desgastado colocado junto a meus lábios enquanto ainda dormia aquecido nos meus lençóis.

Se fecho os olhos, ainda posso sentir as mãos carinhosas que trocavam meu pijama de flanela pelas roupas de sair enquanto ainda alternava entre o gostoso sono do final da madrugada e o estado de semiconsciência que me conduzia até o início da manhã. Não que eu já não fosse capaz de me vestir sozinho, isso não. Tenho orgulho de declarar que desde os quatro anos já conseguia colocar toda a roupa que era esticada sobre minha cama, mesmo tendo certa dificuldade de apertar o laço do meu tênis. Além de a tarefa demandar uma quantidade razoável de tempo, o cadarço meio frouxo sempre se soltava depois de alguns segundos de caminhada.

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

Recordo-me também do cheiro do pão de forma recheado com queijo, tostado levemente no velho fogão da cozinha e sem a pernicioso casca de pão, retirada após o preparo do lanche. Esse era um detalhe de suma importância: as bordas crestadas deveriam ser cortadas depois do uso do tostex, ou, caso contrário, formar-se-ia uma nova casca endurecida que não apetecia meu exigente paladar. Todo o desjejum era desfrutado ao som do rádio colocado em cima da geladeira e sintonizado numa estação AM. Zé Bettio, um locutor cuja voz calma já era uma velha conhecida, desejava bom dia e mandava jogar água nos dorminhocos renitentes. Na sequência, vinham as músicas do Trio Parada Dura.

Depois do café da manhã, um apressado escovar de dentes antes de acompanhar minha mãe ao ponto de ônibus. Se conseguíssemos um lugar para sentar na condução, aninhava-me para tirar mais um cochilo no abrigo tépido do colo materno. Logo ao saltar do ônibus, era entregue para as tias da creche enquanto minha mãe cumpria sua jornada de trabalho. O momento da separação era sempre triste. Relutava em permitir a partida de mamãe, mas depois de poucos minutos lamentando sua ausência, já estava animadamente integrado às atividades com as outras crianças. Não que desse pouco valor à preciosa e querida companhia, porém já estava habituado àquela rotina. Nos idos da década de 1970, nos tempos anteriores à existência da licença-maternidade de seis meses, ou mesmo de observância mínima às leis trabalhistas, não tardava o retorno da mulher ao seu posto de trabalho após o parto. Assim, com pouco mais de quarenta dias de vida, iniciei minha estada diurna aos cuidados das freiras que labutavam na instituição. Nos meus primeiros meses na creche, era elogiado pelo meu comportamento calmo e sereno porquanto não dava trabalho às senhoras encarregadas da supervisão dos bebês. Um verdadeiro anjo, diziam. Na verdade, dormia o dia inteiro no berço, guardando o período desperto para o momento em que voltava aos braços carinhosos de minha mãe. Talvez as diversas noites que ela passou em claro me ninando em seu colo não tenham sido tão boas para ela como foram para mim.

De toda sorte, não posso negar que aos cinco anos de idade já estava plenamente familiarizado com o cotidiano da creche. Um segundo café da manhã era oferecido logo à entrada (uma caneca de leite quente achocolatado e um pedaço de pão seco com um pouco de margarina), nem de longe tão

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

caprichado e apetitoso como o desfrutado em casa, e que, por essa mesma razão, eu normalmente o dispensava. As primeiras horas eram ocupadas com atividades que envolviam papel, lápis de cor, tinta guache e uma infinidade de outros apetrechos que a grande criatividade das cuidadoras e o parco orçamento disponível da creche poderiam angariar. Devo confessar que minhas habilidades motoras e meu senso de estética não se destacavam entre meus companheiros. Depois de recolhidos os materiais de produção artística, as mesmas mesas baixas de madeira com cobertura de fórmica (algumas com as bordas ligeiramente lascadas) eram utilizadas para servir a refeição.

O almoço era sempre uma festa. Você, leitor incrédulo, pode não confiar na minha palavra, mas o sabor daquela comida servida em pratos de plástico era sublime. Ademais, conseguir pegar uma colher especial, um dos raros talheres que possíam uma marcação em formato de estrela na base de sua haste, era uma honra para poucos sortudos. Poucas vezes comi com uma colher comum. Para mim, todo dia tinha um banquete memorável. Pelo menos, é assim que me recordo daquelas alegres refeições: um repasto digno de reis.

Uma vez alimentadas as crianças, as mesas eram substituídas por colchonetes e éramos orientados a fazer a sesta. Eu e meus amigos fazíamos planos para ocupar de uma forma melhor aquele tempo em que todos estariam dormindo, contudo, por mais que tentasse me manter desperto, o sono sempre me apanhava desprevenido. Acordava no meio da tarde com o rebuliço produzido pela horda de infantes ao meu redor.

Terminada a soneca, ficávamos mais excitados, pois se aproximava a hora mais divertida. Saíamos todos para o pequeno quintal gramado nos fundos da creche. Sob os raios oblíquos do plácido sol da tarde, corríamos, pulávamos, caíamos e brigávamos, gotejando um suor claro que riscava nossas faces pueris afogueadas. Do quintal, seguíamos direto para o banheiro lavar o rosto e as mãos. A água fria em contato com a pele acalorada sempre me provocava um arrepio gostoso.

Depois de limpos (ou, ao menos, tão limpos quanto as circunstâncias poderiam autorizar), éramos acomodados mais uma vez nas pequenas mesas de madeira. Isso acontecia por voltas das 17h00. Meus olhos corriam do relógio pendurado na parede para a porta da sala, de onde tinha a vista da

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

portaria da creche. Ansiava desesperadamente pelo retorno da minha mãe. Isso porque o jantar servido era a antítese do almoço. Uma água suja com pedaços de legumes boiando na superfície e que as freiras denominavam de sopa. Eu odiava aquele caldo ralo e insosso. Sentia engulhos só pelo cheiro. Minha esperança era que mamãe chegasse antes de aquele líquido nojento, que aparentava ter sido regurgitado por um animal ruminante, fosse despejado no prato à minha frente, para que pudesse acompanhá-la até em casa, onde um jantar de verdade me aguardava. Todavia, tais desejos restavam frustrados. Sempre.

Minha genitora chegava antes da sopa, mas, em sua doce ignorância, queria que eu me alimentasse antes de tomar o caminho para casa, porque, muitas vezes, esse trajeto demorava muito a ser percorrido. Ficávamos de pé no ponto do lado oposto da rua onde ficava a creche, olhando uma sucessão interminável de ônibus que passavam com diversas pessoas penduradas do lado de fora da porta. Eu sempre perguntava se não íamos embarcar a cada coletivo que avistava. Não, tentar se manter agarrada por um simples e escorregadio cilindro de metal na parte externa de um pesado veículo em movimento, com uma criança pequena precariamente sustentada no outro braço, não estava nos planos de minha mãe.

Aquele contratempo, no entanto, propiciava o melhor momento das minhas reminiscências infantis. Impossibilitado de embarcar na condução cuja lotação excedia quaisquer limites de segurança e civilidade, eu tinha autorização para vistoriar uma grande papelaria localizada em frente ao ponto de ônibus. Aquele era um território novo, inexplorado, estranho, cheio de atrações e tentações que meu limitado entendimento do mundo não podia abarcar. Tantos produtos. Tantas cores. Tantos formatos. As prateleiras abarrotadas iam do chão ao teto de pé direito baixo e formavam extensos corredores que ignoravam a lógica mercadológica e os mais mezinhos princípios de arquitetura. Era um verdadeiro labirinto no qual eu me deleitava em percorrer, como um aventureiro desbravando terras virgens. A iluminação daquele ambiente também padecia de um grave defeito. Quanto mais se afastava da entrada da papelaria, mais lâmpadas fluorescentes descansavam queimadas em suas luminárias, culminando com o último e mais afastado desfiladeiro, uma passagem estreita imprensada entre as últimas prateleiras, delimitado pela parede que demarcava o final da papelaria e aclarado por uma

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

solitária lâmpada defeituosa que, junto ao seu brilho fraco e intermitente, emitia também um zumbido constante e agourento. A oscilação daquele lume precário provocava uma estranha miragem. Sombras pareciam se agitar naquele derradeiro corredor penumbroso.

Meus olhos ávidos e inocentes passeavam pelas paredes daquelas galerias com sofreguidão. Vez ou outra, mamãe me comprava um pequeno estojo com canetinhas hidrocor para distrair minha atenção, mas depois de um exame perfunctório sobre todo o estoque da loja, eu sempre me dirigia ao último corredor e ficava parado no mesmo lugar, em frente a uma determinada estante onde ficava acomodado um específico produto.

Uma força hipnótica inexplicável me atraía inexoravelmente para ali. Com olhar pético e a boca aberta, encarava uma caixa colorida de um jogo de tabuleiro, que exibia pequenas manchas de suor e gordura, bem como bordas ligeiramente amassadas, aparentando ter sido demasiadamente manuseada ao longo dos anos. Aquele invólucro de papelão era a última peça do jogo exibida na prateleira. Na primeira vez que vi a caixa, perguntei à minha mãe o que era aquilo. Ela me disse o nome do jogo numa resposta singela. Fiquei repetindo aquele nome em meus pensamentos. Naquela noite, meus sonhos se povoaram com crianças reproduzindo as três palavras que designavam o conteúdo daquela caixa.

A partir daí, mesmo quando desperto, minha imaginação teimava em vagar sem peias por aquele intrincado emaranhado de mecanismos, dignos dos melhores desenhos animados do Tom & Jerry ou do Pernalonga. Eu me transportava para dentro da gravura estampada na caixa do jogo e forcejava por decifrar o mistério daquela engenhoca. Após semanas de divagação, cheguei à conclusão de que decodificara o enigma daquela esfinge. Se tudo transcorresse de acordo com meus cálculos, o maquinário principiaria a funcionar girando-se uma simples manivela. Aquele giro faria acionar uma botina que derrubaria um balde. O conteúdo desse balde, uma bola metálica, desceria pelos degraus de uma escada e deslizaria célere por um escorregador. No final deste trajeto, a bola levantaria uma vareta que, por sua vez, elevaria a ponta de uma pequena rampa. Tal declive faria rolar outra bola que, descendo por uma banheira furada, cairia sobre a extremidade de um trampolim onde um pequeno boneco com a aparência de um velho numa antiquada roupa de banho aguardava para mergulhar numa tina d'água. Se o salto fosse certo,

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

a agitação da tina chacoalharia um poste onde estava delicadamente equilibrada uma jaula. Por fim, a jaula deveria descer pelo poste para capturar um diminuto ratinho.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o desvendar daquele enigma não diminuiu minha fascinação. Comecei a contar as horas que me separavam do momento em que poderia me deleitar em ficar perto daquela caixa, recusando-me a me afastar da minha posição de sentinela do jogo, mesmo quando chamado insistentemente por minha mãe. Em algumas ocasiões, precisei ser arrastado de dentro da papelaria enquanto executava o papel de garoto birrento, chorando, esperneando e atirando-me ao chão. Talvez meu comportamento fosse culpa do excesso de mimos que somente um filho único pode desfrutar. Não sei. Só passei a voltar a me comportar adequadamente quando logrei arrancar de minha mãe a promessa de que seria recompensado com aquele jogo no Dia das Crianças vindouro.

Nunca uma data especial foi aguardada com mais ansiedade! A mera circunstância de a promessa ter sido feita em fevereiro não arrefeceu a convicção de minha boa conduta. Por semanas e meses seguidos fui uma criança exemplar, embora não transigisse com relação ao meu período obrigatório junto do objeto do meu desejo. Apenas seguia obedientemente quando minha mãe avisava que iríamos embarcar no ônibus (já não tão lotado) que nos conduziria de volta ao lar. Forçava meus pés a se arrastarem para longe da caixa colorida e ao encontro de mamãe, sentindo como se o ar à minha volta ficasse mais denso para impedir que me afastasse do jogo.

No quinto dia útil do mês de outubro, mamãe recebeu o pagamento de seu salário e decidiu recompensar minha paciência. Ganharia adiantado meu presente do Dia das Crianças. Não consigo descrever minha felicidade ao receber a inesperada e alvissareira notícia. Aos pulos, deixei-me ser conduzido à papelaria e, tão logo cruzamos o limiar da porta, disparei para o último corredor. Senti um frio indefinido ao virar na esquina daquele caminho, mas debitei a sensação à excitação alegre que animava meus passos. A lâmpada defeituosa já exarara seu brilho final e a galeria se encontrava na mais completa escuridão, mas eu não precisava dos olhos para me guiar naquele labirinto. Peguei a caixa colorida e corri de volta para o caixa. Mamãe perguntou se haveria um exemplar em melhor estado nos estoques da loja, mas bati o pé e insisti na compra do produto em minhas mãos. Relutante,

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

entreguei minha preciosa carga para o dono da loja fazer um embrulho com um papel de presente com ilustrações de animais fofinhos.

Durante uma hora e meia, fiquei parado ao lado de minha mãe no ponto de ônibus, abraçado ao meu presente. Minhas mãozinhas suavam o papel de embrulho e comecei a sentir meus braços dormentes, mas suportei calado o sacrifício. A caixa tinha quase a minha altura, mas me recusei veementemente a aceitar qualquer ajuda no seu transporte.

Subimos no coletivo e, por sorte, vagou um assento logo à entrada. Ali ficamos. Minha mãe sentada no banco. Eu, no colo de mamãe. O presente em meus braços finos.

No trajeto para casa, o ônibus foi se enchendo cada vez mais a cada parada. Pessoas subiam e se comprimiam no interior da condução e poucas delas desembarcavam. Quando estávamos começando a nos aproximar de casa, minha mãe pediu que me levantasse para avançarmos até a saída na frente do ônibus. Não conseguia transpor a barreira humana compacta com o embrulho em minhas mãos e, assim, assenti que mamãe o carregasse até conseguirmos descer. Livre daquele volume e graças à minha estatura diminuta, obtive sucesso em me esgueirar por entre os corpos dos demais passageiros, quase sem precisar empurrá-los sem qualquer cerimônia para fora do meu caminho. Mamãe não teve tanta sorte e lutava para me alcançar.

Quando chegamos ao local do nosso desembarque, o ônibus parou em fila dupla e abriu sua porta, vomitando quase uma dezena de pessoas cansadas e apressadas para voltar para casa. Ouvia minha mãe gritando, “Vai descer, motorista”, enquanto atravessava lentamente aquele mar de gente. Permaneci alguns segundos junto à porta aberta. O motorista engatou a marcha e começou a tentar retomar seu itinerário, pois não queria se atrasar, porém foi novamente advertido pelas palavras de mamãe. “Vai descer, motorista”. Outras vozes solidárias se juntaram em um coro dissonante repetindo aquela mesma frase. “Vai descer, motorista! Vai descer, motorista!”. O ônibus, então, ficou parado.

Com muito esforço, mamãe me alcançou e me deu a mão para descermos do coletivo. A caixa, contudo, obstruía parcialmente seu campo de visão. Ela não notou que o motorista estacionara o veículo longe da calçada. Ao tentar descer o primeiro degrau, o embrulho desajeitado moveu-se nos

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

braços de mamãe e ficou na transversal, apoiando-se nas laterais internas da porta do ônibus e impedindo sua passagem. Nossas mãos se soltaram. Afoito e pressuroso, pulei os degraus em direção à rua. Queria chegar logo à minha casa e poder rasgar o papel de bichinhos que me separava do meu prêmio.

Ouvi o guinchar dos pneus e logo fui arremessado como um boneco de pano. Num piscar de olhos, estava deitado no asfalto morno, alguns metros adiante do ônibus estacionado. Lembro-me de que senti o cheiro de borracha queimada invadindo minhas narinas e o gosto de cobre preenchendo minha boca. Escutei os gritos de mamãe chamando meu nome e pedindo ajuda. Queria tranquilizá-la de que estava tudo bem, pois, apesar das diversas escoriações, não sentia nenhuma dor, somente uma leseira sonolenta. Contudo, antes de conseguir pronunciar uma palavra sequer, fechei os olhos e adormeci.

Quando acordei, estava de volta ao último corredor da papelaria. De alguma forma, a surrada caixa colorida retornou ao seu lugar na prateleira. Ao meu lado, outras crianças pálidas velavam o brinquedo com a mesma devoção. Elas são tristes e nunca brincam. Acho que por causa da sombra que paira ao redor da caixa. Também não tenho mais vontade de brincar, nem fome, sede, frio ou sono. Tenho apenas saudades de mamãe, mas quase nunca consigo me afastar deste jogo de tabuleiro. Só em raras ocasiões como esta, em que estou lendo por sobre seu ombro o relato da minha própria história, a sombra me permite visitar outros lugares. Ela sempre ordena que procuremos por mais companhia.

Não ligue para o arrepio que está sentindo percorrer sua espinha, leitor amigo. Não é nada demais, estou apenas apoiado em suas costas. A propósito, você quer brincar comigo?

F I M

O BRINQUEDO

Clectus Alexandre Duran

Agradecimentos

Nunca é demais agradecer à minha mãe. Meu amor pela literatura é culpa dela.

Minha amada esposa Valéria é minha base sólida e amiga de todas as horas. Obrigado por suportar estoicamente os surtos de inspiração repentina que me prendem (às vezes, em demasia) em frente ao computador.

A meu filho Alexandre, meu incentivador e colaborador assíduo, muito obrigado. Não teria persistido nessa vocação tardia de escritor sem o seu apoio.

Por fim, mas não menos importante, a você, que se deu ao trabalho de chegar ao final desta obra singela, meu mais sincero agradecimento.

O BRINQUEDO

Clecius Alexandre Duran

Sobre o autor



Clecius Alexandre Duran nasceu em 23 de maio de 1.972 na cidade de São Paulo/SP e atualmente reside em Londrina/PR. Formado em Direito pela Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP no ano de 1994 e com especialização em Direito Tributário pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sócio Econômicos – INBRAPE. Atua como Procurador do Estado do Paraná desde o ano de 2000 e no período de 2001 a 2009 ministrou aulas junto à Universidade Norte do Paraná – Unopar e à Escola da Magistratura do Paraná – EMAP. Ávido consumidor de livros, cinema, quadrinhos, videogames e podcasts, afastou-se da seara jurídica para aventurar-se na criação de um universo em que lobisomens e outros seres sobrenaturais vivem à margem e à espreita da humanidade.

E-mail: cleciusduran@hotmail.com

Facebook:

<https://www.facebook.com/cleciusalexandre.duran>

Twitter: [@cleciusduran](https://twitter.com/cleciusduran)